

José de Alencar Ávila Carvalho (05/01/1925 - 29/02/2000)

JOSÉ MAURÍCIO DE CARVALHO

Os homens com educação completa e integrados à cultura que pertencem, além dos conhecimentos técnicos da profissão que exercem, cuidam de aprender as outras criações culturais. Foi o que fez Alencar. Poucos conseguem reunir tanto conhecimento e sabedoria como ele o fez. Entre as criações culturais apreciava especialmente a filosofia.

Homem verdadeiramente culto. Alencar estudou com profundidade os pilares da cultura ocidental. Tratava com desenvoltura a organização legal da sociedade e as suas raízes romanas, tudo em latim. Apreciava a racionalidade e a língua dos gregos, conhecia os fundamentos teóricos da idéia de pessoa humana e os outros aspectos da ética cristã, dominava a história da Europa e de sua expansão nos tempos modernos. Foi um exemplo de homem culto, mais que isto, foi um agente de cultura, criador de um mundo orientado pelos valores do espírito.

Conheci-o há alguns anos, quando sua esposa Dona Mara foi fazer o curso de especialização em Filosofia oferecido pela FUNREI. Aprendi, em pouco tempo, a admirá-lo e reconhecer nele um sábio, um homem tocado pelo desejo de aprender. Leu atentamente meus escritos e os discutiu comigo em várias oportunidades. Que desejasse aprender alguma coisa destas leituras, sendo possuidor de uma cultura vastíssima e havendo lido todos os clássicos, é demonstração de sua serena humildade. Ele alcançou a sabedoria daqueles que saem do universo cotidiano e passam a enxergar na vida algo de divino, de maior, de magnífico, de saboroso, de fora do comum.

Homem prático e simples do Cajuuru, apreciava as coisas comuns de sua origem rural. Gostava da música rancheira, do café quentinho, do pão de queijo, do leite tirado na hora. Tomava-o, enquanto pensava que destino daria à sua fazenda ou como alimentaria o gado. Fazia-o na certeza de que não há existência humana quando se perde o

significado da inserção no cotidiano da vida e nos compromissos com o próprio tempo. Isto, contudo, nunca o impediu de ir mais longe, de ir além dos compromissos imediatos.

Homem de coragem para quem a morte pertence à vida. Nunca a temeu, nunca deixou de examiná-la, jamais abdicou de sua condição de ente finito ou temporal. Várias vezes disse: *não temo a morte, ela faz parte de meu viver*. Esperou-a com serenidade nos últimos dias de sofrimento. Enfrentou a morte com a mesma sabedoria e serenidade de Sócrates. Foi Sócrates quem, no momento da morte, diante do desespero dos amigos, os exortou a *permanecer tranquilos e a demonstrar coragem* (Platão, *Fédon ou da Alma*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 190). É o que Alencar diria a seus amigos, hoje.

Homem de amor, dedicou-se à mulher, aos filhos e netos com enorme paixão. Falava com orgulho e alegria da família que constituiria, do respeito e amor que reinava entre os seus. De como os ensinara a se respeitarem e

conviverem sendo diferentes.

Numa época como a nossa em que são raros os homens verdadeiramente cultos; em que pouco se valoriza a cultura e as tradições, que é onde toda vida humana começa; quando a coragem de viver e de amar se escondem debaixo de tanto medo e irresponsabilidade; perdemos Alencar. Perdeu a pátria um cidadão exemplar, a família o seu chefe querido, o Instituto Histórico e Geográfico um membro ilustre, nós todos um amigo e São João, o mais culto de seus filhos. A nós resta viver a coragem que legou. Sinto-me transportado para a cena desoladora da morte de Sócrates e encontro não Críton, Equécrates, Apolodoro, Símiás ou Cebeas, mas os amigos, igualmente pesados, de Alencar diante da morte de sempre. É preciso força para ser como Alencar foi, amante da cultura, defensor das tradições, da simplicidade, da vida, do amor aos homens e de sua terra.

Da Academia de Letras de São João del-Rei

Jornal Tribuna Sanjoanense

(São João del-Rei - MG, ano XXXII, edição 1.014, 21 de março de 2000, pág. 2)